



A Construção do Estereótipo da Mulher Latina na Indústria Cinematográfica

Laura Slobodeicov Ribeiro¹

Simonetta Persichetti²

RESUMO

A partir do conceito de estereótipo, analisei a construção de arquétipos depreciativos relacionados às mulheres latinas nas produções: “Que Horas Ela Volta?”, filme brasileiro de 2015; “Roma”, obra mexicana de 2018; e “Modern Family”, série estadunidense de 2009. Os autores Peter Burke e Sergei Eisenstein me auxiliaram na compreensão e análise das imagens, cenas, na comunicação visual e nas técnicas de produção das obras examinadas.

PALAVRAS-CHAVE

Estereótipo; Mulher; América Latina; Filme; Comunicação Visual.

Introdução

A indústria cinematográfica reproduz preconceitos e estereótipos de grupos sociais e étnicos que, por repetição, acabam virando clichês. Um dos que mais sofrem com essas produções são os latino-americanos. Os homens são geralmente representados como indivíduos perigosos, envolvidos em tráfico de drogas e homicídios, além de serem considerados amantes exagerados e sedutores baratos. Já as mulheres possuem cerca de duas opções: a sem potência narrativa com dificuldade de compreensão da língua inglesa (sendo essa geralmente uma empregada), ou a sedutora e temperamental com baixo intelecto. Porém, ambos os gêneros se enquadram em um cenário familiar conturbado, com uma quantidade enorme de parentes (principalmente primos), uma mãe fervorosamente católica, somado a dramas e histórias dignas de roteiro de novela.

Em relação às mulheres latinas, delas acaba sendo negada a diversidade cultural a partir do momento em que precisam apenas preencher determinado biotipo para conquistarem um lugar nas telas,

¹ Estudante de graduação, 6º semestre do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: laura-ribeiro@outlook.com

² Orientadora da pesquisa. Doutora em Psicologia pela PUC-SP (2001), e Pós-Doutora pela Escola de Comunicação e Artes, USP (2017). É professora do programa de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero na linha de pesquisa Jornalismo, Imagem e Entretenimento. E-mail: spersichetti@casperlibero.edu.br



seus corpos são hipersexualizados a ponto de serem utilizados para falar por elas. Retratos que limitam o espectador à cultura latina. Sendo a mesma reduzida a arquétipos depreciativos e impedindo variações socioculturais. Fatos que podem ter origem no intermédio das profundas diferenças sociais, históricas, políticas e ideológicas entre os territórios.

Todo o cenário descrito até aqui tem origem na construção do estereótipo. “O estereótipo do latino, hoje, está praticamente integrado ao imaginário do que é o latino” (ROSSINI, 2001, p.18). O historiador inglês, Peter Burke, define esse conceito como:

A palavra 'estereótipo' é um sinal claro da ligação entre imagens visuais e mentais. [...] Pode não ser completamente falso, mas frequentemente exagera alguns traços da realidade e omite outros. [...] Entretanto, necessariamente lhe faltam nuances, uma vez que o mesmo modelo é aplicado a situações culturais que diferem consideravelmente umas das outras." (BURKE, Peter. Testemunha ocular: O uso de imagens como evidência histórica. 2016, p.185-186).

Estereótipo

Dessa forma, são imagens ou conceitos preconcebidos que generalizam e estabelecem, pelo senso comum, um conhecimento sobre algo ou alguém. Conhecimento este que ocorre de forma completamente limitada, seja em relação à aparência, naturalidade ou comportamento. Como resultado, temos rótulos e moldes sociais que simplificam os atributos gerais de um indivíduo a características coletivas, em detrimento de suas verdadeiras qualidades singulares. Todo esse quadro prejudicial pode surgir através da ironia, de piadas, humilhações, insultos (verbais ou gestuais), chegando a ações hostis e até violentas. Temos, portanto, a construção de uma interação social restrita a uma ideia preconcebida, assim, a primeira impressão que uma pessoa terá de outra será baseada em um julgamento estereotipado.

No entanto, a construção e reprodução desses arquétipos não ocorrem somente em produções cinematográficas estrangeiras, mas também nas realizadas dentro do próprio território latino. Enfatizadamente as relacionadas aos estereótipos da mulher latina, que viram repetição não apenas no cinema, como também dentro da realidade de cada uma.

Para entender a estruturação do estereótipo da mulher latina na indústria cinematográfica, trabalhei com três produções distintas que, mesmo sendo elaboradas em territórios diferentes, em condições e anos divergentes, carregam as mesmas características. Elas são: o filme brasileiro lançado em 2015, “Que Horas Ela Volta?”; o filme mexicano lançado em 2018 e ganhador de um Oscar, “Roma”; e, por fim, a famosa série norte-americana “Modern Family”, que estreou em 2009 e terminou em 2020. Três obras que criam uma linha - da América do sul à América do norte.



Roma

A produção mexicana é inspirada na infância do próprio diretor, Alfonso Cuarón, e tratada como uma homenagem às mulheres que o criaram. O projeto intimista conta com 10 indicações ao Oscar, dessas, três estatuetas de ouro foram conquistadas: melhor direção, melhor filme estrangeiro e melhor fotografia. A história se passa na Cidade do México no ano de 1970 e retrata a rotina de uma família de classe média e de Cleo, empregada doméstica e babá.

Ela e sua colega de trabalho, Adela, cuidam de toda a casa e das três crianças do casal, enquanto se deparam com uma carga horária elevada e sem horário fixo, precisando estar sempre disponíveis aos caprichos de seus empregadores. Por esse motivo e pelas dificuldades financeiras, Cleo não possui muito tempo livre para o lazer e, conseqüentemente, para sua vida social.

A funcionária vive em um cômodo localizado aos fundos da casa principal, que é dividido com sua parceira de ofício. O lugar, pequeno demais para caber seus poucos pertences, é composto de mobílias antigas e baratas. No espaço restrito, ambas precisam limitar seus movimentos, além de não poderem acender as luzes, utilizando apenas velas para que o consumo de energia do mês não “pese” aos donos da casa. Algo um tanto quanto contraditório, já que as luzes costumam ficar acesas em todos os cômodos da casa principal (mesmo nos lugares que não estão sendo utilizados).

É evidente a situação de humilhação diária em que Cleo é submetida. Mesmo completamente sobrecarregada, ela continua não sendo reconhecida pelo seu trabalho e esforço. Para citar um exemplo, em uma noite, Fernando, seu empregador, ao chegar em casa do trabalho e estacionar seu carro na garagem, passa propositalmente o pneu do automóvel em cima das fezes do cachorro da família para dificultar o trabalho de Cleo na manhã seguinte, como uma forma de castigo por ela não ter limpado antes. Logo cedo, mesmo sendo responsável pela organização de uma residência de tamanho considerável, das refeições e das crianças do casal, ela limpa o chão.

Figura 1 - Cleo



Fonte: filme “Roma”, 2018

No decorrer do drama, a jovem engravida e passamos então a acompanhar seus desafios da gravidez, que não é reconhecida pelo pai da criança. Por conta da situação de estresse em que vive, Cleo perde seu filho durante o parto. E, mesmo com todo o trauma psicológico e físico, em poucos dias já está trabalhando no mesmo ritmo que antes.

Ela não consegue sair da vida em que se encontra e, muito menos, ser reconhecida pela pessoa que é, e não pela função que exerce. Uma das cenas mais importantes do filme ocorre no final, quando Cleo salva a vida de duas, das três crianças de seus empregadores. Durante uma viagem à praia, a jovem, mesmo sem saber nadar, coloca sua própria vida em risco quando decide entrar no mar e salvar as crianças que estavam se afogando. Naquele momento Cleo virou uma heroína para a família, no entanto, esse envolvimento emocional não durou mais do que algumas horas.

Figura 2 – Cleo e as crianças



Fonte: filme “Roma”, 2018

Que Horas Ela Volta?

A próxima produção analisada, “Que Horas Ela Volta?”, é um drama e comédia nacional dirigido pela Anna Muylaert. Conta a história da pernambucana Val que se mudou para São Paulo com o intuito de proporcionar melhores condições de vida para a sua filha, Jéssica, que continuou morando com a família no nordeste - episódio que acabou separando as duas fisicamente e emocionalmente.

Val é como Cleo, cuida da casa dos empregadores e é babá do filho do casal, o Fabinho, com quem criou uma forte conexão. Após alguns anos, Val recebe uma ligação de sua filha comunicando que iria se mudar para São Paulo para prestar vestibular de arquitetura na USP. Assim que chega, Jéssica se surpreende ao descobrir que a mãe mora na mesma casa que seus empregadores. A partir desse instante, a jovem passa a questionar a estrutura de poder estabelecida dentro da residência.

Ela principia o rompimento de algumas áreas estabelecidas na casa como, por exemplo, começa a fazer suas refeições na mesa principal e não na dos empregados (localizada no canto da cozinha), passa a comer o sorvete caro destino à família e não o mais barato que é de consumo exclusivo dos funcionários, e consegue se hospedar no quarto de hóspedes. Ações que passam a gerar uma série de conflitos, não apenas com a família (em especial com Bárbara, dona da casa), como também um confronto de gerações e até de relacionamento entre Jéssica e Val.

A cena de maior tensão do filme, que acaba sendo um ponto decisivo para a condução da vida de Val, é o momento em que Jéssica decide entrar na piscina, após ser convidada por Fabinho. Val, mesmo morando na casa há décadas, nunca pode encostar o pé na água. Quando Bárbara entende o que está acontecendo, chama imediatamente sua empregada, que fica chocada com a cena que presencia e ainda mais assustada com a atitude “ousada” de sua filha. No dia seguinte, a empregadora chama uma equipe para esvaziar a piscina, usando a desculpa que um rato entrou na água durante a noite.

Figura 3 - Val e Jéssica

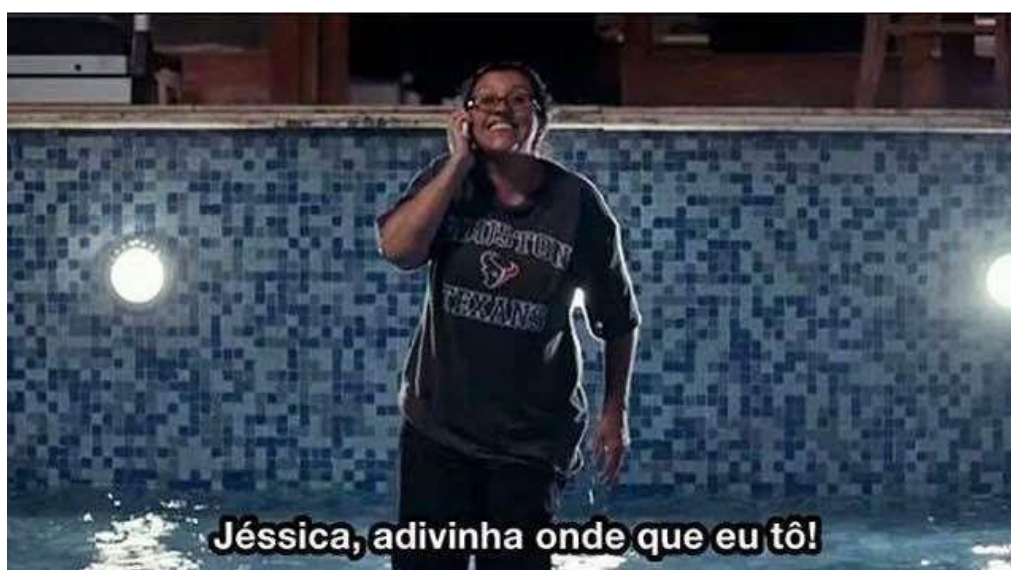


Fonte: filme “Que Horas Ela Volta?”

Jéssica por sua vez, não aceitando ser tratada dessa forma, decide sair da casa e procurar um lugar para ficar. É a partir desse momento que Val se encontra em um profundo conflito interno: defender sua filha ou lutar pelo seu emprego. No final e graças às “rebeldias” da adolescente, ela consegue enxergar a

situação de exploração em que vivia e, antes de pedir demissão e alugar uma casa para viver com a jovem, entra na piscina (ou o que restou dela, já que estava praticamente vazia) e liga para sua filha, dizendo: “Jéssica, adivinha onde que eu ‘tô’”.

Figura 4 - Val



Fonte: filme “Que Horas Ela Volta?”

Semelhanças e divergências entre os filmes

Apesar de serem representados em épocas, contextos e países distintos (um no México em 1970 e o outro no Brasil em 2015) e diante de todos os movimentos socioculturais que ocorreram durante essa lacuna temporal, é possível perceber que não há evolução no tratamento destinado às personagens principais. Cleo e Val cuidam da casa e dos filhos dos empregadores, ambas não possuem horário fixo de trabalho e nem perspectiva de crescimento financeiro, já que não ganham o suficiente para alugarem um lugar próprio. Sendo, dessa forma, eternamente dependentes. Além disso, as personagens possuem acessos restritos dentro da casa principal, moram em cômodos separados (distantes e pequenos), passam por situações humilhantes diariamente e não conseguem dividir a vida pessoal do trabalho, já que residem no mesmo local do emprego. No decorrer das obras a famosa frase “você é da família” aparece. É interessante observar as limitações e o impacto dela. Será que alguém “da família” seria tratado da mesma forma que as empregadas são?



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

É possível apontar duas principais dissemelhanças entre as histórias de Cleo e Val. Cleo, mesmo que de forma singela, possui uma comunicação relativamente mais íntima com a família em que trabalha, chegando a comentar em alguns momentos sobre sua vida pessoal e a saudade que sente de Jéssica. Já Cleo é restrita até na comunicação, sendo essa totalmente profissional. Ademais, o ponto de maior diferença entre as personagens é o desfecho. Enquanto Val consegue “despertar” com um “empurrão” de sua filha e se desvencilhar da realidade em que se encontrava, Cleo acaba vivendo um ciclo infinito: é reconhecida em alguns momentos e com o passar de um pequeno tempo volta a ser vista novamente apenas como a empregada.

Modern Family

Saindo das obras fílmicas, é possível analisar também a série estadunidense “Modern Family”, que exemplifica o outro “modelo” de estereótipo pelo qual as mulheres latinas são enquadradas. O sucesso de Christopher Lloyd e Steven Levitan, ganhou o Emmy de melhor série de comédia por cinco anos consecutivos. A obra retrata a vida de Jay Pritchett e sua família durante as suas respectivas rotinas e desafios.

Para a pesquisa, utilizo a personagem Glória Pritchett, uma mulher latina, colombiana, que se muda para os Estados Unidos na tentativa de conseguir uma vida melhor para ela e para seu filho, ainda pequeno, Manny, fruto de seu primeiro matrimônio. Depois de passar por muitas dificuldades, a jovem acaba conhecendo e casando com Jay, um homem de muitas posses e com uma idade mais avançada que a dela.

Glória é a típica latina em produções estrangeiras. Ela não é vista como uma mulher de intelecto, mas sim, como uma pessoa estressada, com um temperamento difícil, impulsiva e que apresenta muita dificuldade com o idioma inglês (mesmo morando nos Estados Unidos há anos). Seu corpo é utilizado quase como um objeto performático. Sempre vestindo roupas decotadas que destoam das outras personagens femininas. Além disso, possui uma família grande, problemática e suspeita, que carrega um passado trágico e momentos muito difíceis na Colômbia. Por conta desses elementos ela acaba se tornando a personagem cômica da série. Mas, apesar de fazer parte dessa construção, ela consegue se impor em determinadas ocasiões e falar com respeito sobre sua cultura.

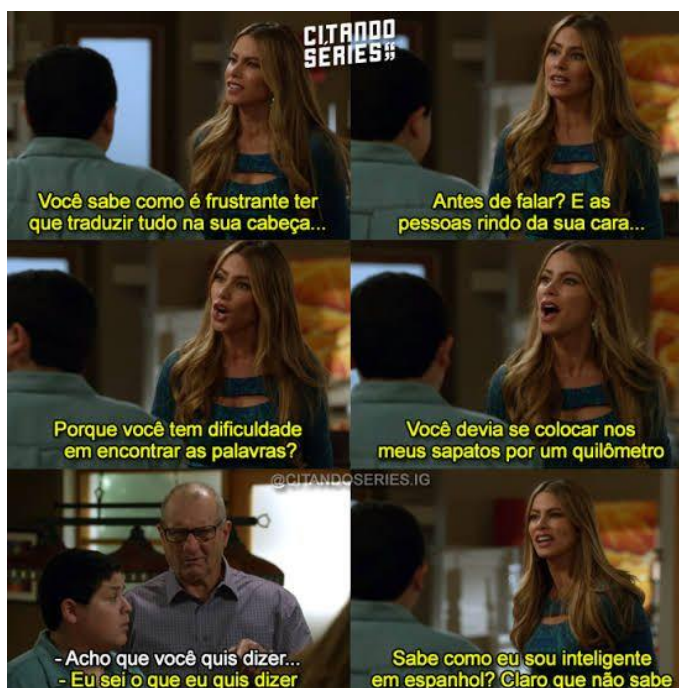
Figura 5 - Glória



Fonte: série “Modern Family”, 2009

Uma cena muito interessante acontece durante um diálogo entre Glória, Jay e Manny, onde a colombiana tenta se comunicar, em inglês, porém, por não ser seu idioma nativo, naturalmente apresenta certa dificuldade e acaba sendo descreditada por isso. Nesse momento ela desabafa: “Sabe como eu sou inteligente em espanhol? Claro que não sabe”.

Figura 6 – Glória, Jay e Manny



Fonte: Citando Séries, 2020

Conexão entre as três produções

A personagem que consegue conectar a série norte-americana com as outras duas produções já analisadas é a irmã da Glória, a Sonia Ramirez. Ela visita a irmã esporadicamente e, todas as vezes, se comporta como a empregada da casa, chegando até a utilizar uniforme em alguns episódios. A colombiana sempre possui uma história muito triste e de superação para contar, enfatizando as dificuldades em realizar simples tarefas diárias em seu país. O oposto de sua irmã, aparenta estar sempre cansada, com as olheiras marcadas, o cabelo desgrenhado e vestindo roupas antigas e básicas. Seu sonho é conseguir a vida que Glória possui. Sônia é a sombra de Val e Cleo em “Modern Family”.

Figura 7 - Sônia



Fonte: série “Modern Family”, 2009

Considerações finais

É perceptível que as próprias personagens participam, auxiliam e enfatizam o delineamento da construção do estereótipo da mulher latina nas produções. Isso acontece, na maioria das vezes, de forma inconsciente. Elas não percebem que vivem uma situação de exploração e abuso.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

A Glória, por exemplo, se demonstra incomodada com certos comentários ou atitudes, mas não consegue se posicionar exatamente pelo arquétipo limitador. Assim como Cleo que, como já citado anteriormente, não é capaz de transformar sua realidade e acaba vivendo em um ciclo de altos e baixos sem fim.

O machismo pode ser um adendo ainda mais cruel às mulheres latinas apresentadas nos filmes. Geralmente, acabam sendo “salvas” ou conseguindo finalmente mudar de vida e ter uma existência confortável quando um homem, de outra descendência, aparece em suas vidas. A paixão engrandece o estereótipo da mulher frágil, humilde, dependente e sem intelecto, e enaltece suas características biológicas. Assim, estão fadadas à exploração ou à dependência emocional e financeira de um companheiro para alcançar o sucesso ou libertação. Como é o caso de Glória em *Modern Family*.

Esses fatores podem ocorrer por conta das origens históricas, políticas, sociais, econômicas e culturais dos países latinos que, em muitos aspectos, se conectam. Apesar de colonizados por potências europeias distintas, estamos tratando de 20 países com um histórico colonialista de exploração muito semelhante. “Durante quase três séculos, esses países tiveram seus recursos naturais extraídos de todas as formas possíveis e sofreram um rígido controle social” por parte de seus colonizadores. (SILVA, Janaína Carvalho, 2015, p.7).

A maioria desses territórios passou por um período de repressão de suas naturalidades e culturas desde muito cedo. O reflexo desses marcos dominantes pode ser percebido até em produções cinematográficas. A cultura latina é negada em território estrangeiro, exatamente por ter sido negada e apagada em seus próprios territórios. Fato que se agravou com a globalização. Atualmente, os “países latino-americanos sofrem com uma forte penetração do mercado cinematográfico dos Estados Unidos, o que dificulta a articulação desse bem cultural entre países latino-americanos” (SILVA, Janaína Carvalho, 2015, p.8).

A própria definição de América Latina foi criada por europeus. Sua primeira referência vem do Império Francês de Napoleão III. E, desde então, esse conceito vem sendo utilizado para definir um bloco único, assim como todo o território. O que nega todas as diversidades e as diferentes realidades e costumes entre as nações. Na maioria das vezes, falar espanhol é a simplificação do que é fazer parte dessa faixa. A atriz Penélope Cruz, famosa por atuar em papéis latinos, é espanhola. Ela é um grande exemplo da redução e subestimação do que é ser, de fato, latino. Falar espanhol não é uma característica latina, porém, é uma



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

habilidade tratada como tal. Reduzir a gama de características divergentes entre esses países é prejudicial, não apenas à cultura abreviada em questão, mas também a todas as outras que acabam tendo uma percepção de mundo e do que é diferente de uma forma bem limitada.

A representação de um povo realizada de maneira fidedigna é importante não apenas por ser o correto, mas justamente por tratar da realidade e da personalidade do próximo. Engloba quem realmente somos no cotidiano. Negar nossa origem ou diminuir a do outro é desprezar sua importância particular e coletiva, além de anular uma série de conquistas históricas que vêm somando com o passar dos anos. A era colonial é retrógrada, mas as raízes fincadas há séculos, o incentivo eurocentrista da globalização e o poderio de expansão estadunidense, fazem parte de um novo tipo de domínio. Através da “massificação fílmica, Hollywood consegue fazer com que suas narrativas muitas vezes sejam absorvidas como a realidade” por uma grande diversidade de espectadores (BORGES; ZANFORLIN, 2020, p.1). O efeito é rasteiro e abafado, porém, causa um assolamento taxativo naquilo estipulado como divergente.

Referências bibliográficas

BORGES, Amanda Santos e ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti. **Cinema Hollywoodiano e a Construção do Estereótipo da América Latina: a Sexualização da mulher latino-americana**. INTERCOM, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1313-1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: O uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

EISENSTEIN, Sergei. **A Forma do Filme**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ESPINOSA, Agustín e CUETO, María Rosa. **Estereotipos Raciales, Racismo y Discriminación em América Latina**. EUDEBA, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277332573_Estereotipos_Raciales_Racismo_y_Discriminacion_en_America_Latina. Acesso em: 15 ago. 2021.

FILHO, João Freire. **Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias**. Revista ECO-Pós, 2004. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120. Acesso em: 15 ago. 2021.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

GOMES, Christiane Luce. **Lazer e Cinema: Representações das Mulheres em Filmes Latino-Americanos Contemporâneos**. Licere, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/20042>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ROSSINI, Miriam de Souza. **O que mostramos de Nós?: A América Latina nas telas**. Famecos, Porto Alegre, v.1, n. 7, p. 17-24, dez.2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279467431_O_que_mostramos_de_nos_A_America_latina_nas_telas/link/57bccf5108ae37ee394a6f32/download. Acesso em: 15 ago. 2021.

SÁNCHEZ, Darío Martín; HERRARTE, María Hernández; e RAMOS, María Yolanda Fernández. **El lenguaje no verbal como elemento constructor de estereotipos femeninos en la comedia de situación Modern Family**. Revista Mediterránea de Comunicación, 2020. Disponível em: <https://www.mediterranea-comunicacion.org/article/view/2020-v11-n2-lenguaje-no-verbal-como-elemento-constructor-de-estereotipos-femeninos>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SILVA, Janaína Carvalho. **Cinema, Identidade Cultural Latino-Americana e o Imperialismo Estadunidense**. CELACC, 2015. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/cinema_identidade_latino_americana_janaina_gestcultb.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.